

DE CELEBRADO A PROSCRITO: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM TORNO DO FILME *INDEPENDÊNCIA OU MORTE* (CARLOS COIMBRA, 1972)

Olívia Baldissera*

RESUMO

O governo Médici (1969-1974) organizou um calendário oficial de comemorações para o Sesquicentenário da Independência do Brasil, em 1972. Apesar de não ter sido incluído na programação, o filme histórico *Independência ou Morte* (Carlos Coimbra, 1972) foi uma celebração extraoficial da efeméride. O objetivo do presente artigo foi explorar a produção de sentidos em torno de *Independência ou Morte*, publicizados em entrevistas, críticas cinematográficas, matérias de jornal e telegramas. Por meio da abordagem da micro-história em movimento e da análise do discurso, foram analisados os discursos dos realizadores do filme, de representantes do governo Médici e de críticos de cinema. Antes mesmo de ser exibido nas telas de cinema, o longa-metragem já motivava a produção de sentidos legitimadores em torno de sua realização, que enalteciam as proezas técnicas e o caráter educativo da narrativa. Concluiu-se que novos sentidos foram incorporados com o passar das décadas, em especial após a Redemocratização, e *Independência ou Morte* passou de um filme celebrado para um filme proscrito.

Palavras-chave: filme histórico; Ditadura Militar; Sesquicentenário; Independência ou Morte.

ABSTRACT

Médici's presidency (1969-1974) has organized an official commemoration calendar to the Sesquicentenary of the Independence of Brazil in 1972. Despite of not being included in the schedule, the historical movie *Independência ou Morte* (Carlos Coimbra, 1972) was an unofficial celebration of the ephemeris. This article aims to explore the production of meanings around *Independência ou Morte*, available in interviews, film reviews, newspapers and telegrams. With micro-history in movement approach, it was analyzed the discourses of movie producers, Médici's government representatives and film critics. Before its premiere, the picture had inspired the production of legitimizing

*Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Analista de Conteúdo da +A Educação. E-mail: olivia.baldissera@gmail.com

meanings that praised its technical feat and educational narrative. It was concluded that news meanings were incorporated with the decades, in particular after Redemocratization, and *Independência ou Morte* went from praised to an outcasted movie.

Keywords: historical movie; Military Dictator ship; Sesquicentenary; *Independência ou Morte*.

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 1971, o ministro da Educação do governo Médici, Jarbas Passarinho, concedeu uma entrevista à seção *Movimentoda* revista *Filme Cultura*, publicada pela mesma pasta da qual fazia a gestão. O tenente-coronel tornava pública a intenção do regime militar de incentivar a produção nacional de filmes históricos para que “nosso povo tome conhecimento dos heróis e episódios que fizeram o país” (FILME CULTURA, 1971: 1). Em setembro do mesmo ano, a produtora e distribuidora Cinedistri anunciou o lançamento de um longa-metragem sobre a vida de D. Pedro I. Um ano depois, no ápice das comemorações oficiais do Sesquicentenário da Independência, as salas de cinema de treze capitais brasileiras e de Lisboa receberam a estreia de *Independência ou Morte* (Carlos Coimbra, 1972) (CINEMATECA BRASILEIRA, 2016).

O filme foi um sucesso de bilheteria. Apresentado como a produção brasileira mais cara de todos os tempos, com um orçamento de 2 milhões de cruzeiros (O ESTADO DE S. PAULO, 1972:22), o longa-metragem histórico teve um público de 2.924.494 pessoas no ano de 1972 (BRASIL, 2020), superando a bilheteria de produções como *O Poderoso Chefão* (*The Godfather*, Francis Ford Coppola, 1972). Ao longo das décadas de 1970 e 1980, o filme foi reprisado na TV aberta durante a Semana da Pátria. Em 1994, ganhou uma versão em VHS na coleção *IstoÉ Cinema Brasileiro*, lançada pela revista *IstoÉ*. A versão em alta definição veio em 1998, na ocasião do lançamento do canal de TV a cabo *Canal Brasil*, da Globosat (FOLHA DE S. PAULO, 1998). No mesmo canal aconteceu a reprise mais recente de *Independência ou Morte*, durante a programação de comemoração ao centenário de nascimento do dono da Cinedistri, Oswaldo Massaini, em 2 de abril de 2020 (FONSECA, 2020). Já na TV aberta a última reprise foi em 8 de setembro de 2019, no SBT (FALCHETI, 2019), em um momento bastante significativo: a primeira Semana da Pátria do governo de Jair Bolsonaro, eleito em 2018.

Antes mesmo da estreia, em 4 de setembro de 1972, *Independência ou Morte* era objeto de produção de sentidos legitimadores por parte de seus realizadores e governo, que adicionaram novos significados ao filme com as mudanças de décadas e de regime político. O objetivo do presente artigo é apreender os significados em torno de *Independência ou Morte* em duas temporalidades distintas: o ano de lançamento do filme, no auge do Milagre Econômico e da popularidade do governo Médici (1969-1974), e o período após a Redemocratização, na década de 1980. Para isso, foram selecionadas entrevistas dos realizadores do longa-metragem, realizadas entre as décadas de 1970 e 2010. Seu conteúdo foi comparado com telegramas e documentos emitidos por representantes do governo Médici, que foram amplamente divulgados nos principais veículos de comunicação do país nas semanas que sucederam a estreia de *Independência ou Morte*. Também foram analisadas cinco críticas cinematográficas impressas nos jornais de maior circulação no Brasil em 1972: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* (GUARNIERI, 2021: 77358).

A abordagem adotada neste trabalho é a da micro-história em movimento, apresentada pela historiadora Sylvie Lindeperg no livro *Nuit et Brouillard: un film dans l'histoire* (2007). O método consiste em priorizar um objeto de análise, dentre uma gama de fontes disponíveis, e deslocá-lo no tempo e no espaço para torná-lo um lugar privilegiado de investigação e observação (LINDEPERG, 2008: 2). Assim, o filme pronto e acessível ao grande público foi o ponto de partida para explorar traços de história que não foram projetados nas telas de cinema, com ênfase nas diferentes interpretações e sentidos que *Independência ou Morte* recebeu ao longo das décadas.

A micro-história em movimento foi combinada com a análise do discurso (GREGOLIN, 2007), em especial das interpretações autojustificadoras, que se referem à produção de significados por parte de produtores, roteiristas e diretores e são materializadas em entrevistas para jornais e produtos promocionais. O conceito considera toda obra audiovisual como um discurso que precisa ser visto, ouvido e definido para ser compreendido. O espectador, seja ele um crítico ou um leigo em cinema, identifica as combinações de imagens e sons que dão forma à obra e, assim, cria significados. Ou seja, um curta, média ou longa-metragem têm múltiplos significados que não podem ser reduzidos à intencionalidade de produtores, roteiristas e diretores (RAMOS, 2002: 51). Por isso a análise da

crítica cinematográfica se torna necessária, pois auxilia a vislumbrar a diversidade de interpretações e recepções de um filme, já que esse tipo de texto é uma evidência mais palpável que está disponível para pesquisa (RAMOS, 2002: 53). Neste artigo, a análise da produção de significados restringe-se aos críticos, aos realizadores do filme e aos representantes do governo Médici por exercerem atividades que têm legitimidade intelectual, profissional e política no espaço público.

UMA DEMONSTRAÇÃO ESPETACULAR DAS POSSIBILIDADES DOS BRASILEIROS NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA

Há 35 anos venho trabalhando em prol do cinema brasileiro, sempre produzindo filmes nacionais. Estas três décadas e meia de trabalho honesto e esforçado, que tantos prêmios trouxeram ao nosso País, tinham que ser coradas (sic) com uma produção marcante e dignificante. Já tenho em estudos o tema que vai marcar o meu canto-de-cisne glorioso, pois pretendo aposentar-me no próximo ano e deixar as atividades de produção e distribuição da Cinedistri ao meu filho Aníbal, que já demonstrou conhecer o nosso *metier* (MASSAINI apud CASTRO, 1971: 4).

Em um comunicado à imprensa em setembro de 1971, Oswaldo Massaini anunciava uma produção até então inédita no catálogo da Cinedistri. A distribuidora e produtora fundada em 1949 já estava bem estabelecida no mercado de cinema nacional, com um filme premiado com a Palma de Ouro do Festival de Cannes, *O Pagador de Promessas* (Anselmo Duarte, 1962), e importantes contribuições para o Ciclo do Cangaço, sob direção de Carlos Coimbra. O filme histórico era um gênero que não havia sido muito explorado nem pela Cinedistri nem por outras produtoras brasileiras, devido aos altos custos de execução. O tamanho do investimento era diretamente proporcional ao prestígio e legitimidade que um longa do tipo dava ao cineasta que o realizava (ADAMATTI, 2012: 173) e Massaini tinha consciência disso. Ele continua no comunicado:

É uma realização arrojada e a organização da produção ainda está em fase de estudos. Não vou economizar para ter o melhor e produzir um filme à altura das grandes superproduções dos centros cinematográficos mais adiantados. Inicialmente, posso adiantar que teremos a assessoria de historiadores, devendo a parte histórica,

guarda-roupa, cenografia e reconstrução de época, ser fielmente observadas, dentro da verdade e realidade dos acontecimentos que fizeram a História do Brasil. (MASSAINI apud CASTRO, 1971: 4).

A ideia de fazer um filme histórico teria surgido um pouco antes da divulgação do comunicado, no terceiro trimestre de 1971, quando Massaini quebrou a perna e ficou preso à cama por um mês. Em depoimento para o programa *Memória do Cinema*, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS), o produtor contou que leu vários livros de história do Brasil nesse período. A leitura, combinada com a proximidade dos 150 anos da Independência do país, inspirou-o a produzir um longa-metragem sobre D. Pedro I (MASSAINI, 1989). No entanto, a autoria da iniciativa de realizar *Independência ou Morte* foi reivindicada pelo filho, Aníbal Massaini Neto, em 2013, no programa *Sala de Cinema* do SescTV:

A realização desse filme nasceu de uma ideia minha. Eu ouvi no rádio, de manhã, saindo de casa, alguém comentava uma notícia dizendo: “tem uma grande comemoração do Sesquicentenário no ano seguinte”. Eu disse para o meu pai “vamos fazer o filme”. Ele me disse “isso não se faz”, eu disse “se faz”. “Se faz” quer dizer “dignamente” (NETO, 2013).

Seja pai ou filho o idealizador, Oswaldo Massaini se envolveu em todas as etapas de produção e se dedicou ao trabalho de divulgação, agendando coletivas de imprensa e até enviando uma cópia de *Independência ou Morte* ao Palácio do Planalto para que o presidente Emílio Garrastazu Médici assistisse ao filme antes da estreia. O produtor constantemente afirmava em entrevistas que “não encara *Independência ou Morte* como um ensaio de filme histórico, e sim como uma demonstração espetacular das possibilidades dos brasileiros na produção cinematográfica” (O GLOBO, 1972:7).

Como parte da estratégia de divulgação, Massaini mantinha contato frequente com o ministro Jarbas Passarinho e o coronel Octávio Costa, chefe da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) do governo, para que o filme fosse associado ao Sesquicentenário da Independência, além de facilitar a autorização de gravações em locações no Rio de Janeiro, como o Palácio do Itamaraty (JORNAL DO BRASIL, 1972). O diálogo do dono da Cinedistri com os dois militares se iniciou com um telegrama em 1971, dirigido a Passarinho, avisando-o sobre o início da produção do longa, ainda chamado de *Brasil, eu fico* (FONSECA, 2002: 66).

Em 7 de agosto do ano seguinte, a Comissão Executiva Central (CEC)¹, responsável pela organização das celebrações oficiais do Sesquicentenário, recebeu um telegrama de Oswaldo Massaini avisando que *Independência ou Morte* estava pronto para estreiar na Semana da Pátria. O dono da Cinedistri solicitou ao presidente da comissão, general Antonio Jorge Corrêa, que o longa-metragem fosse incluído na programação, porém não recebeu resposta (CORDEIRO, 2012: 171-172). Vinte dias depois, Massaini exibiu o filme ao coronel Octávio Costa, que lhe enviou elogios por carta logo no dia seguinte:

Quero dizer-lhe o meu entusiasmo pelo trabalho realizado. Trata-se, em verdade, de um grande filme, a abrir imensas perspectivas à nossa cinematografia histórica.

Trago-lhe as minhas felicitações, e a todos os seus companheiros de realização, pela seriedade do empreendimento, pela grandeza e dignidade com que souberam conduzir a filmagem, pelo excelente desempenho dos artistas, pelo rigor histórico, e, sobretudo, pela marca de bom gosto – que é a principal característica da produção.

Considerando "Independência ou Morte" um dos pontos altos das comemorações do Sesquicentenário, expresse a minha confiança de que esse filme muito contribuirá para desenvolver, nos jovens, o amor pelo estudo de nossa História e para melhor fixar o perfil das personagens principais da cena de nossa emancipação política (COSTA, 1972 apud FONSECA, 2002: 162).

Apesar de não ter sido incluído no calendário oficial da efeméride, o lançamento de *Independência ou Morte* nos cinemas brasileiros acabou se tornando um evento extraoficial do Sesquicentenário, recebendo elogios, inclusive, do próprio presidente Médici. O militar enviou um telegrama enaltecedor a Massaini após a pré-estreia do filme em Brasília, em uma sessão exclusiva no Palácio do Planalto na última semana de agosto de 1972. O produtor paulistano também ouviu elogios direto do

¹ A CEC foi criada com o decreto 69.922, de 13 de janeiro de 1972, para coordenar as celebrações do Sesquicentenário em todo o país, sendo presidida pelo general Antônio Jorge Corrêa. Cabia à CEC a organização dos eventos de abrangência nacional e a coordenação das Comissões Executivas Estaduais (CEE's), que realizariam festividades alinhadas à programação federal nos respectivos estados. As CEE's seriam responsáveis por integrar datas e heróis regionais às comemorações, como o 2 de julho da Bahia, a Batalha dos Guararapes de Recife e a Revolução Farroupilha do Rio Grande do Sul (CORDEIRO, 2012: 17-18).

presidente, em 31 de agosto do mesmo ano. O dono da Cinedistri, os atores Tarcísio Meira e Glória Menezes – que interpretavam, respectivamente, D. Pedro I e a Marquesa de Santos – e parte da equipe da produção fizeram uma visita ao general para agradecer a mensagem. Na ocasião, Médici disse estar orgulhoso e afirmou que "os artistas brasileiros provaram que temos possibilidade de fazer grandes filmes baseados em temas sérios e históricos" (O ESTADO DE S. PAULO, 1972b: 22).

Tanto esse encontro quanto o telegrama foram amplamente divulgados por Massaini, com autorização do presidente (FONSECA, 2002: 163). A missiva, em especial, foi usada por salas de cinema nos anúncios da programação. É o caso da empresa Luiz Severiano Ribeiro S/A, que reproduziu o telegrama na íntegra na edição de 7 de setembro de 1972 do Jornal do Brasil:

Acabo de ver o filme *Independência ou Morte* e desejo registrar a excelente impressão que me causou. Está de parabéns toda a equipe diretor, atores, produtores e técnicos pelo trabalho realizado que mostra o quanto pode fazer o cinema brasileiro inspirado nos caminhos de nossa história. **Este filme abre amplo e claro horizonte para o tratamento cinematográfico de temas que emocionam e educam comovem e informam as nossas platéias.** Adequado na interpretação, cuidadoso na técnica, sério na linguagem, digno nas intenções e sobretudo **muito brasileiro.** *Independência ou Morte* responde à nossa confiança no cinema nacional. Emílio G. Médici Presidente da República (JORNAL DO BRASIL, 1972: 2, grifo nosso).

Na mesma semana em que foi realizada a sessão exclusiva no Palácio do Planalto, a película passou pela avaliação dos censores Antonio Gomes Ferreira e Maria Luiza S. Cavalcante, da Polícia Federal. Eles deram o parecer sobre o filme no dia 25 de agosto de 1972, em que estabeleceram que a exibição fosse permitida para maiores de 10 anos de idade, devido às cenas que abordavam relacionamentos extraconjugais. No documento, *Independência ou Morte* é avaliado como "de ótima qualidade e digno do povo e suas tradições, em face do equilíbrio, bom senso e fidelidade ao enfocar os personagens e ambiência históricas, no Brasil, entre 1816 e 1831":

Trata-se de um filme excelente sobre a vida de d. Pedro I, seus amores, sua política, sua corte, seus triunfos e fracassos, como homem e Imperador. Além de sua pessoa

arrebatada, passional, amiga, admiramos a figura de nossa Imperatriz d. Leopoldina, verdadeira mola mestra de nossa independência política, ao lado de José Bonifácio, verdadeiro e maior político de sua época, estadista perfeito, que fez muito pela Pátria, apesar das perseguições e incompreensões de seus contemporâneos. D. Domitila desempenha o verdadeiro papel de favorita do Monarca e causa de toda ruína do Império nascente e fracasso de d. Pedro I (BRASIL, 1972 apud ALMEIDA, 2009: 111).

Pelas qualidades apontadas pelos censores e pelo presidente Médici, o MEC recomendou o filme aos secretários de Educação dos estados, além de disponibilizar ingressos às escolas para levarem os alunos ao cinema (FONSECA, 2002: 163). O ministro Jarbas Passarinho avisou Oswaldo Massaini sobre a iniciativa, enviando-lhe uma cópia do telegrama destinado aos secretários estaduais:

Tenho a honra de dirigir-me vossência para recomendar-lhe o filme histórico *Independência ou Morte* excelente realização do cinema nacional (...) exibido já em Brasília e outras cidades brasileiras com grande sucesso. Tratando-se de película educativa, que evoca grandes figuras história nacional e acontecimentos ligados nossa independência, peço vossencia todo apoio colaboração sentido referido filme tenha mais ampla divulgação, especialmente perante classe estudantil, por essa ajuda envio-lhe desde já meus agradecimentos – Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Cultura (FONSECA, 2002: 164).

Apesar de ter sido o filme mais assistido do ano de 1972 no Brasil, *Independência ou Morte* não se reverteu em lucro à Cinedistri. Oswaldo Massaini reclamou publicamente sobre a falta de apoio financeiro do Estado, que se utilizou do longa para promover sua política cultural, em entrevista exclusiva ao jornal *Luta Democrática*:

Massaini diz também que a ajuda que lhe foi prestada pela Embrafilme para a realização de *Independência ou Morte* foi insignificante e nem mesmo as fanfarras da publicidade oficial do governo podem garantir a entrada do filme no mercado estrangeiro. [...] Durante a semana que antecedeu a estreia de *Independência ou Morte* – disse ainda Oswaldo Massaini à LUTA DEMOCRÁTICA – pude realmente contar com o apoio e o prestígio do governo federal, mas isto não chegou a influir na decisão da bilheteria; o ministro Jarbas Passarinho,

empolgado com o Presidente Médici, com o que viu em *Independência ou Morte*, disse-me oficialmente que o governo estava disposto a apoiar a realização de *Os Bandeirantes*. Mas agora vejo que o projeto é arriscado, em termos de empate de capital, e de jeito nenhum coloco um centavo meu sem que tenha grande incentivo de outra fonte financeira (MASSAINI apud RAMON, 1972: 6).

Embora Massaini afirme que não teve apoio financeiro do Estado para a realização do filme, a Cinedistri recebeu 300 mil cruzeiros do Instituto Nacional de Cinema (INC) pela cessão de direitos para enviar cópias da película às embaixadas brasileiras, conforme recibo de 30 de março de 1973 encontrado pela historiadora Vitória Azevedo da Fonseca nos arquivos da Cinemateca Brasileira do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro. O governo também teria comprado os direitos de exibição para todas as redes de televisão do país, que reprisaram o longa-metragem ao longo das décadas de 1970 e 1980 na Semana da Pátria (FONSECA, 2002: 164). Ainda, nos créditos de encerramento de *Independência ou Morte*, a estatal Empresa Brasileira de Filmes S.A (Embrafilme) é apontada como financiadora parcial do projeto, ao lado da Cinedistri, assim como em nota sobre a visita do elenco ao Palácio do Planalto publicada na seção *Movimento* da revista *Filme Cultura* (FILME CULTURA, 1972: 61). Entretanto, com base nas pesquisas e documentos consultados para esta pesquisa, não é possível afirmar que *Independência ou Morte* foi encomendado pela Ditadura Militar. A questão sobre o governo Médici ter financiado a realização do filme ou não permanece aberta.

Mesmo que não tenha sido encomendado, o longa-metragem se tornou uma referência de filme histórico que o Ministério da Cultura esperava que fosse produzido no país. A partir da leitura das correspondências, percebe-se como o discurso do presidente Médici, dos censores, do coronel Octávio Costa e do ministro Jarbas Passarinho estava em sintonia com o artigo *A hora e a vez dos filmes históricos*, publicado na revista *Filme Cultura* em 1971. Todos evidenciam o caráter educativo de *Independência ou Morte*, noção comum ao filme histórico não apenas no Brasil, mas no meio cinematográfico de outros países. Os representantes do regime militar elogiam o filme da Cinedistri por cumprir sua função didática ao apresentar a história oficial, contada a partir da trajetória dos grandes homens que teriam construído a nação. Dessa forma, o longa-metragem estava implicitamente alinhado ao uso político de

um evento e de uma personagem históricos feito pela Ditadura Militar durante o Sesquicentenário.

Outro ponto que chama a atenção é a qualificação que Mé dici dá à *Independência ou Morte*, como um filme “muito brasileiro”. A película recebe este adjetivo por reencenar um marco da história oficial da nação, contudo, a representação se dá a partir de uma linguagem cinematográfica importada da indústria de outro país. É por se inspirar na estrutura dos produtos de Hollywood que o longa-metragem da Cinedistri recebe tantos elogios. Para os militares, um filme que segue a decupagem clássica e naturalista, na tentativa de criar uma representação verossímil da história, é sinônimo de qualidade. Copiar com sucesso os padrões da indústria norte-americana de cinema seria um sinal de que o cinema brasileiro estava finalmente se desenvolvendo.

Oswaldo Massaini evidenciou esse aspecto em suas entrevistas, ao afirmar que *Independência ou Morte* seria uma prova da capacidade do cinema brasileiro como indústria, que poderia competir em qualidade técnica com as produções hollywoodianas. A competição se daria com uma cópia da estética naturalista, o que envolveria a preocupação com a reencenação do figurino e de ambientes representados, inspirada em pinturas históricas de Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905).

A exaltação do primor técnico alcançado por *Independência ou Morte* feita pelo produtor está inserida em um discurso maior, o do Milagre Econômico. O longa-metragem seria mais um exemplo da pujança brasileira do período, marcado por altas taxas médias de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Mais do que porcentagens de dois dígitos, o Milagre era um fenômeno social, envolto por uma euforia desenvolvimentista, expectativas de ascensão social e entusiasmo pelo Brasil potência. O país do futuro havia chegado e, com ele, um grande espetáculo cinematográfico que sintetizava o ufanismo e o desenvolvimentismo pregados pela Ditadura Militar.

Por fim, o cuidado com a reencenação dos acontecimentos e as entrevistas de Oswaldo Massaini revelam a presença de uma visão pedagógica do passado na narrativa de *Independência ou Morte*. Construído a partir da trajetória de vida de D. Pedro I, o filme prende-se à perspectiva do grande homem como motor da história, responsável pelo futuro de uma sociedade ou nação. *Independência ou Morte* tampouco abre possibilidades para outras interpretações do processo de Independência do Brasil, fiando-se à história oficial

desenvolvida pelo IHGB e à estética da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). Dessa forma, o longa-metragem propunha ensinar ao grande público a *verdadeira história do Brasil*, marcada pela linearidade, continuidade, homogeneidade e apagamentos.

UM ESPETÁCULO QUE MERECE SER ASSISTIDO, COM RESSALVAS

Para evidenciar todas as qualidades de *Independência ou Morte*, os representantes do governo Médiutilizaram argumentos comuns à crítica cinematográfica jornalística², chamados de “entimemas” nos estudos de retórica³. Os entimemas são argumentos fundamentais que se sustentam em crenças, estereótipos e ideias amplamente aceitas pelos leitores (GOMES, 2006). É esta categoria que abrange os comentários sobre o naturalismo ou artificialidade de um filme histórico, que precisa cumprir o requisito de reconstituição fiel da época em que se passa a narrativa para ser considerada uma produção com boas qualidades técnicas. No entanto, a análise das críticas cinematográficas selecionadas para este trabalho mostrou que o esmero na recriação de figurinos e locações não foram suficientes para *Independência ou Morte* como um todo ser avaliado como um “bom filme”.

As críticas na grande imprensa sobre o filme começaram a ser publicadas na *Semana da Pátria* de 1972. Um dos críticos de maior

² Os profissionais que atuavam nas redações dos jornais e revistas de maior circulação do Brasil geralmente adotavam o modelo da “crítica jornalística” nos textos, estruturado em quatro componentes que integram uma estratégia de persuasão e mobilização do leitor para a aceitação ou não do produto fílmico. O primeiro é a evocação da narrativa fílmica, a descrição do enredo do filme, sem revelar o seu final. O segundo é um corpo de informações técnicas sobre a obra, como o gênero, o diretor, o elenco ou anedotas sobre a produção. O terceiro é uma série de argumentos sobre as qualidades ou defeitos da película e, por último, um juízo de valor que resume a argumentação. Além de hermenêutica, os textos exercem uma função retórico-argumentativa a partir de uma lógica indutiva e persuasiva. O crítico busca dados que confirmem a sua hipótese, o sentido que produziu para determinado filme. Em outras palavras, o crítico deve avisar o leitor se vale a pena ou não assistir a um determinado espetáculo (GOMES, 2006).

³ Outras categorias retóricas também são fundamentais para a elaboração da crítica, como o “inventio”, “dispositio” e “elocutio”. A “inventio” abrange o processo de absorção de conhecimento para ser transmitido a outras pessoas. A “elocutio” envolve a estruturação da fala ou do texto. Por último, a “elocutio” é a fala em si, ou seja, a crítica estruturada e materializada (GOMES, 2006).

prestígio do país, Ely Azeredo⁴, escreveu para o *Jornal do Brasil* que, apesar da produção competente que deixa o público absorto na atmosfera romântica, a película “não ambicionava ir além dos compêndios ginasiais”:

Seria demais, quando tantos salões e jardins aguardavam no programa D. Pedro I e a Marquesa de Santos (Glória Meneses) – cujas exaltações amorosas e conflitos consequentes eram o atrativo comercial mais óbvio – procurar analisar, ainda que sem mergulhos profundos, todas as circunstâncias principais que marcaram a ascensão de Pedro a Príncipe Regente, o retorno de D. João VI a Portugal, a crescente sintonia de Pedro com os anseios dos brasileiros, os conflitos Lisboa-Rio, a criação do Império brasileiro e o complexo gráfico político que levou à Abdicação (AZEREDO, 1972: 8).

A necessidade de resumir o processo de Independência, para Azeredo, tornou os episódios históricos difíceis de serem assimilados por parte do público. O crítico prossegue com elogios à atuação de Tarcísio Meira, Glória Menezes e Kate Hansen e à direção de Carlos Coimbra, em especial na reconstituição da tela *Independência ou Morte* (1888), de Pedro Américo. O uso do entimema aparece em seguida:

As qualidades animadoras do filme avultam mais no que pretende impressionar a retina do espectador [...] do que no que se destina a provocar reflexão sobre os acontecimentos (AZEREDO, 1972: 8).

Por fim, o autor emite seu juízo de valor e recomenda o espetáculo, chamando-o de “um dos momentos mais felizes do cinema brasileiro”. Mas para o Bonequinho de *O Globo* as qualidades técnicas do “superespetáculo” não eram suficientes para *Independência ou Morte* ser aplaudido de pé. O crítico Fernando Ferreira⁵ optou por deixar o personagem sentado na

⁴ Ely Azeredo era crítico de cinema profissional, coordenou a revista *Filme Cultura* e escreveu para jornais de grande circulação, como *A Noite*, *Tribuna da Imprensa*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil*. Ele também idealizou a criação de “cinemas de arte” no Brasil e fundou o Mesbla em 1959 e o Alvorada, em 1960. Era bastante ativo no meio cinematográfico e participou da organização de diversas mostras, como o Festival Humberto Mauro (1961) e Mostra Internacional de Filmes para a Juventude (1973). Para saber mais sobre o trabalho de Ely Azeredo, ver ROCHA, 2017.

⁵ O jornalista Fernando Ferreira foi o crítico de cinema que por mais tempo assinou a coluna *O bonequinho viu*, do jornal *O Globo*. Também foi editor do caderno de cultura

poltrona, imóvel e olhando atentamente para frente⁶, para representar sua avaliação sobre o filme. Assim como Azeredo, Ferreira apontou que o longa-metragem histórico não propôs uma discussão sobre a Independência do Brasil, limitando-se a ser um “filme ligeiro, de galanteria, onde a História serve como pano de fundo e condiciona o superespectáculo” (FERREIRA, 1972: 7).

Para Ferreira, o cuidado com a reconstituição da cenografia e do figurino de épocas são qualidades superficiais, que servem para realçar “intrigas melodramáticas de alcova ou de gabinete”, enquanto a história ficaria em segundo plano:

E lamentavelmente, os elogios mais eloqüentes de que o filme se torna merecedor são aqueles que se vai buscar no fundo de um complexo arraigado de subdesenvolvimento cinematográfico: tal cena, no seu enquadramento, consegue ser reminescente das reuniões sulistas na mansão de Tara, em ... **E o Vento Levou**; tal outra pouco ou nada fica a dever ao baile de **Tudo Isto e o Céu Também**. Sobre D. Pedro I e a independência brasileira quase nada se acrescenta às informações do tempo de escola e ginásio (FERREIRA, 1972: 7).

Após breves comentários sobre a direção de Carlos Coimbra e a interpretação do elenco, o crítico de *O Globo* concluiu recomendando *Independência ou Morte* apenas para quem esperava que o cinema brasileiro siga o padrão técnico e comercial das produções estrangeiras.

O crítico e jornalista Alberto Silva⁷ também menciona a falta de reflexão sobre os acontecimentos na produção de Oswaldo Massaini, argumento central do texto publicado em uma pequena coluna no *Correio da Manhã*, em 7 de setembro de 1972:

do mesmo jornal e professor da graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (SETARO, 2008).

⁶ Na época em que a crítica de *Independência ou Morte* foi publicada, o Bonequinho de *O Globo* tinha cinco posições para representar as cotações de um filme: aplaudindo de pé, aplaudindo sentado, olhando atentamente para o filme, dormindo e indo embora do cinema. O personagem apareceu pela primeira vez em 21 de junho de 1938, a pedido do vice-presidente do jornal Rogério Marinho, que queria deixar a opinião da crítica cinematográfica mais evidente para o leitor. Ele encomendou a criação do personagem para o chargista Luiz Sá, conhecido pelas ilustrações na revista *Tico-tico* (FERREIRA, 2018).

⁷ Alberto Silva era o principal nome da crítica cinematográfica baiana nas décadas de 1950 e 1960. Radicado no Rio de Janeiro, escreveu para os jornais *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Commercio* e *O Globo*. Também atuou como diretor e roteirista. Para saber mais, ver SETARO, 2012.

Uma película feita à imagem e semelhança dos órgãos oficiais brasileiros, *Independência ou Morte* restou uma obra confeccionada para satisfazer os círculos defensores de uma visão glamourizada, colorida, romântica e agradável da história nacional. [...]A impressão resultante de *Independência ou Morte*: a liberação foi uma dádiva de D. Pedro ao País e não uma conquista do povo brasileiro, conseqüente de uma luta travada ao longo de duas décadas e nas quais foram sacrificados muitos patriotas (SILVA, 1972).

Apesar das críticas à representação da história no longa-metragem, Alberto Silva emite um juízo de valor semelhante ao de Ely Azeredo: "*Independência ou Morte* padece as falhas inerentes à sua ingênua abordagem histórica, mas é um filme bonito, **tecnicamente bem realizado** e bastante assistível como espetáculo" (SILVA, 1972, grifo nosso).

No mesmo dia, a crítica, jornalista e atriz Pola Vartuck comparou *Independência ou Morte* com as telenovelas brasileiras, definindo-o como "a melhor novela jamais filmada no Brasil" em texto publicado em *O Estado de S. Paulo*. A autora elogia atuações e a produção bem feita, para depois apontar a artificialidade das cenas de rua e o "mau gosto" dos letreiros. Para ela, o filme nos dá uma aula divertida e movimentada da História do Brasil, mesmo que não possa ser considerado "genuinamente brasileiro em sua concepção ou realização": "mas Carlos Coimbra, partindo de um script perfeito e inteligentemente elaborado, e aproveitando os bons diálogos de Abílio Pereira de Almeida, realizou um filme bem cuidado e bem produzido, destinado a penetrar em todas as camadas populares" (VARTUCK, 1972).

A relação de *Independência ou Morte* com a televisão também foi explorada pela jornalista Helena Silveira⁸, da *Folha de S. Paulo*, que associou a beleza do filme com o trabalho de Campello Neto, cenógrafo conhecido pelas telenovelas e peças de teatro. Na coluna *Helena Silveira vê TV* de 10 de setembro de 1972, a jornalista concentrou-se na performance e na aparência física dos atores escalados. A colunista em seguida analisou a visão de história apresentada na produção cinematográfica:

⁸ Helena Silveira foi uma das primeiras mulheres a integrar a redação do jornal *Folha da Manhã*, em 1944. Também comandava programas de entrevistas na TV Paulista e na rádio Excelsior. Ela escreveu colunas sociais, mas ficou conhecida pela crítica televisiva, feita nas décadas de 1970 e 1980 (MATTOS, 2021).

Claro que as criaturas de **Independência ou Morte** não são as mesmas, por exemplo, da História do Brasil de Rocha Pombo que deglutimos, na infância. Os **portraits** assinados pelos bons artistas fazem rostos muito mais belos que os do modelo. Assim, o filme de Massaini fica-nos como uma idealização de fatos históricos. Suas figuras não poderiam ser assinadas por Felini ou Visconti (SILVEIRA, 1972: 51).

Apesar da idealização dos fatos históricos, Helena Silveira afirmou que *Independência ou Morte* não trouxe uma visão tão edulcorada da história do Brasil, destoando-se assim da opinião dos colegas: "A visão do filme é válida e sobretudo, necessária neste momento em que a gente pensa na pátria com tôdas as ingênuas rimas que vão de Brasil, côr de anil, glórias mil até amor febril." (SILVEIRA, 1972: 51).

Em suma, do ponto de vista destes críticos, *Independência ou Morte* merecia ser assistido por seu caráter de espetáculo e não por ser educativo ou reflexivo, ao contrário do que argumentaram o presidente Médici, o coronel Octávio Costa e o ministro Jarbas Passarinho. Os cinco críticos elogiaram o cuidado técnico para representar o Brasil de 1822, usando o substantivo "superprodução" para se referir ao filme – com exceção de Helena Silveira, que se concentrou na relação do longa-metragem com a televisão. Ely Azeredo, Fernando Ferreira, Alberto Silva apontaram a condensação de eventos históricos na narrativa de 108 minutos da vida de D. Pedro I como um problema do longa-metragem, aspecto que, para Vartuck, tornou *Independência ou Morte* uma lição de história divertida e romanesca. Já Helena Silveira enxergou uma atualização bem-vinda, e até contestadora, da história oficial escrita no final do século XIX para 1972. Para os demais críticos, a produção da Cinedistri tinha um discurso alinhado às celebrações oficiais do Sesquicentenário, com um tom ufanista e condescendente com o regime militar.

UM FILME PROSCRITO: NOVOS SENTIDOS APÓS 1972

"Pela minha palavra de honra, pela minha mãe, pelo meu pai, pelos meus antepassados, não me deram um centavo, não me encomendaram nada" (MASSAINI, 1989). Foi assim, com juramentos, que Oswaldo Massaini respondeu à equipe do MIS de São Paulo quando indagado sobre *Independência ou Morte*, em 1989. A postura defensiva em relação ao filme marcou as falas de

seus realizadores anos após a estreia, sempre que questionados sobre quem financiou a produção. Se em 1972 o longa-metragem sobre D. Pedro I era exaltado como um modelo da capacidade da indústria cinematográfica brasileira, a partir da década de 1980 ele se tornou um produto cultural proscrito, símbolo do auge de uma ditadura que enganou, censurou e torturou.

Como explica Janaína Martins Cordeiro, assim como os anos de ouro do governo Médici se transformaram em anos de chumbo, a euforia sobre o filme histórico da Cinedistri foi substituída por acusações de alienação. A produção se tornou uma antítese do Cinema Novo, o bom cinema, verdadeiramente nacional e símbolo da resistência. *Independência ou Morte* seria um cinema alienado, um porta-voz da Ditadura Militar (CORDEIRO, 2012: 177-179). E supostamente teria sido financiado por ela.

No decorrer das décadas, os realizadores passaram a negar o envolvimento de representantes do governo Médici na produção e até dizer que *Independência ou Morte* fazia críticas ao regime. Em depoimento para a tese de doutorado de Luciano Vaz Ferreira Ramos, o roteirista Lauro César Muniz citou cenas que fariam referência a atitudes totalitárias do governo:

Por causa disso, a ditadura muito espertamente, abraçou o filme, tratando-o como se fosse um produto seu. O que não é verdade! A imprensa precisa analisar com mais profundidade isso tudo. Basta assistir o filme para ver que não existe cena alguma ou qualquer relação ideológica com a ditadura então instalada. Ao contrário, **há momentos em que ele [o filme] até se refere aos processos daquela ditadura, como por exemplo, a passagem em que D. Pedro I, de forma absolutista, fecha o parlamento. O José Bonifácio cumprimenta os canhões, dizendo “à sua Majestade”, numa clara alusão crítica ao poder militar.** Naquele tempo qualquer menção ao totalitarismo era vista com muito rigor, mas, a ditadura resolveu fechar os olhos para esta cena e com isso, numa jogada de marketing, assimilou o filme que, desde a estreia, já um grande sucesso de público (MUNIZ apud RAMOS, 2014: 286, grifo nosso).

Já o diretor Carlos Coimbra argumentou que o fato do governo federal proibir o uso da carruagem do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro e das fardas originais dos Dragões da Independência comprovava que *Independência ou Morte* foi realizado sem ajuda oficial alguma: "essa interpretação que se

espalhou pela mídia, segundo a qual o filme teria sido patrocinado pelo governo, foi um dos maiores equívocos da história do cinema brasileiro" (COIMBRA apud RAMOS, 2014: 286). Coimbra deu os mesmos exemplos em depoimento ao crítico de cinema Luiz Carlos Merten, em 2004, e negou veementemente que o filme fosse uma propaganda do governo Médici:

Nunca imaginei que o pessoal da crítica, os jornalistas de maneira geral, pudesse pensar que o nosso filme foi feito para promover a ditadura. Até compreendo a posição dessas pessoas. O regime era antidemocrático, havia tortura, violência. Neste quadro, podia parecer que a utilização do filme pelo governo fosse algo planejado, mas não foi. Aconteceu, simplesmente. [...] Queríamos aproveitar a data, o Sesquicentenário da Independência. Queríamos resgatar um sentimento nacional, não servir ao regime militar. Talvez, se tivéssemos recusado o oferecimento do governo para lançar o filme, isto ficasse mais evidente, mas eu realmente não tinha esse poder e nem sei como reagiria, se o tivesse. Foi uma decisão do produtor, mas não vou ser hipócrita de jogar a culpa no Massaini, pois é claro que, depois de tanto esforço, de tanto murro em ponta de faca, eu também queria que o filme fosse visto. Foi um erro, talvez, mas como no caso do *Madona de Cedro*, eu gostaria que *Independência ou Morte* fosse visto pelo que está na tela e não por todas essas histórias que são de bastidores (COIMBRA apud MERTEN, 2004: 230).

Na mesma entrevista, o diretor disse que o filme acabou se tornando uma maldição para sua carreira, que entrou em decadência a partir da década de 1980⁹. O último longa-metragem que dirigiu foi *Os Campeões*, em 1983. Depois fez alguns trabalhos para a televisão e iniciou um projeto de refilmar seus filmes do cangaço, sem sucesso. Tentou também filmar a vida do Padre Anchieta em 1997, na ocasião dos 400 anos da morte do religioso, porém a ideia não saiu do papel (MERTEN, 2004: 28, 235). Quando faleceu, em 2007, a polêmica sobre o envolvimento dos militares na

⁹ Além de dirigir um filme considerado colaboracionista, Carlos Coimbra teria interferido no lançamento do documentário *Iracema – Uma Transa Amazônica* (Jorge Bodanzky, 1974). O diretor teria entrado em contato com o chefe do departamento de censura do governo para pedir que apenas o seu filme, *Iracema, a virgem dos lábios de mel* (1979), usasse o nome da personagem de José de Alencar. O pedido faria com que Coimbra fosse ostracizado no meio cultural e cinematográfico (CORDEIRO, 2012: 182).

realização de *Independência ou Morte* voltou a ser discutida na grande imprensa, o que levou o produtor-executivo Aníbal Massaini Neto a se manifestar por meio de nota, publicada no blog do crítico Luiz Zanin no jornal *O Estado de S. Paulo*:

Independência ou Morte, foi uma iniciativa nossa, produzido integralmente com recursos próprios e nunca submetido a qualquer crivo, análise, sugestão ou imposição.

Esclareço-lhe, que o filme foi sim um enorme sucesso de público, no mesmo nível dos recordistas, e é, disparado, o filme brasileiro de maior público em televisão, em razão de suas incontáveis exibições e dos expressivos índices de audiência que sempre obtém.

Como sempre acontece, todos os Presidentes querem sempre recepcionar os vencedores de todas as atividades. Com *Independência ou Morte*, não foi diferente, até porque, de fato, aquele Governo nada fez de expressivo para as comemorações da nossa independência e pegou carona com o filme (NETO apud ZANIN, 2007).

Dizer que o governo não fez nada de expressivo para o Sesquicentenário é um equívoco, mas foi a forma que Aníbal Massaini encontrou para defender o legado de Carlos Coimbra e do próprio pai. Seis anos depois, ele diria ao jornalista Miguel de Almeida que achava um absurdo a acusação de *Independência ou Morte* ter sido feito a pedido do governo Médici. Afinal, na concepção do filho de Massaini, um filme oficial não comoveria tanto as pessoas, não seria aplaudido de pé pelo público em 1972. Ainda, seria impossível os militares terem encomendado o longa-metragem à Cinedistri, pois eles só teriam tomado conhecimento da produção quando ela foi enviada para o departamento de censura da Polícia Federal, em Brasília:

O ministro Jarbas Passarinho viu umas fotos “30 por 40” que eu mostrei pra ele numa reunião que tivemos para falar sobre política do cinema brasileiro, onde estava o Roberto Farias, o Luís Carlos Barreto, o Benito Viana, Nelson Pereira dos Santos. Quando acabou a reunião, eu disse: “ministro, gostaria de lhe mostrar estas fotos”. “O que é isso? Está feito?” Falei “quase pronto” (NETO, 2013).

O argumento não se sustenta, pois, de acordo com a documentação levantada para esta pesquisa e por outros historiadores que investigaram *Independência ou Morte*, o ministro

Jarbas Passarinho foi informado sobre o projeto da Cinedistri em 1971, na mesma época em que Oswaldo Massaini anunciou para a imprensa a realização de um filme sobre D. Pedro I.

Tarcísio Meira, que encarnou o primeiro imperador do Brasil, também foi cobrado pela sua participação no longa-metragem. O ator saiu em defesa de *Independência ou Morte* e de Oswaldo Massaini, argumentando que o ufanismo da década de 1970, fortalecido pelo Sesquicentenário, era o principal motivo da realização do filme (MEIRA, 2019). Meira mais uma vez insistiu que a produção foi uma iniciativa exclusiva de Massaini, feita “no peito e na raça” pelo dono do Cinedistri, como diria ao jornalista Pedro Bial em 2019.

Lauro César Muniz, Carlos Coimbra e Aníbal Massaini Neto sustentaram suas falas em quatro argumentos principais para negar a suposta encomenda do governo Médici para o Sesquicentenário. O primeiro é o ataque à imprensa, à grande mídia, que não fizera o trabalho correto de apuração dos fatos à época e nas décadas seguintes. O segundo são os bastidores da produção, que ofereceriam pequenas anedotas para comprovar uma falta de apoio oficial. O terceiro é a fonte de financiamento, que teria vindo apenas de Oswaldo Massaini. O quarto e o último é o que podemos chamar de “clima do momento”, o ufanismo e as festas cívicas que marcaram o ano de 1972. Afinal, o lançamento de *Independência ou Morte* seria apenas mais um evento no calendário de comemorações, que contaram com a participação em massa da população. Os brasileiros queriam celebrar os 150 anos da Independência do Brasil, por isso lotaram as salas de cinema para ver D. Pedro I dar o Grito do Ipiranga. Como um filme que foi aplaudido de pé, um sucesso de bilheteria e de audiência na TV aberta, poderia ser um símbolo da Ditadura Militar?

Oswaldo Massaini e Tarcísio Meira recorreram aos dois últimos argumentos para defender *Independência ou Morte* das acusações de colaboracionismo. Para ambos e demais realizadores, o filme teria sido usurpado pelos militares, que tiraram vantagem do sucesso comercial da produção durante o Sesquicentenário. No entanto, a partir da documentação levantada, percebe-se que houve um movimento contrário, ou seja, que a produção cinematográfica tirou proveito do momento cívico para obter apoio estatal. O diálogo entre os realizadores do longa-metragem e o governo Médici era explícito nos veículos de comunicação, o que contribuiu para que *Independência ou Morte* se fixasse na memória pós-Redemocratização como um símbolo do colaboracionismo com a Ditadura Militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independência ou Morte era símbolo do Brasil do Milagre em 1972 e, dez anos depois, tornou-se um produto cultural proscrito por ter sido realizado durante os anos de chumbo da Ditadura Militar. Contudo, o processo de geração de sentidos em torno do filme sobre a vida de D. Pedro I não se encerrou. Esse moto-perpétuo de significados é perceptível nos comentários das versões digitais do longa-metragem disponibilizadas no YouTube a partir dos anos 2000, cuja análise renderia uma pesquisa à parte. Ainda, a produção figura em listas de filmes sobre a história do Brasil publicadas em sites que oferecem conteúdo para estudantes que estão se preparando para o Enem e para o vestibular¹⁰ – resgatando, assim, a função educativa da película tão enaltecida em 1972 pelos representantes do governo Médici. No meio político, *Independência ou Morte* foi mencionado em 2019 no discurso de posse do então ministro das Relações Exteriores do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, ao falar sobre a emoção de trabalhar no Itamaraty, que seria uma espécie de "túnel do tempo, onde os heróis estão vivos":

Eu me lembro da emoção que eu senti pela primeira vez, quando era Terceiro Secretário, que subi as escadas para este terceiro andar, e vi, logo ao subir a escada, o quadro da Coroação de Dom Pedro I e o quadro do Grito do Ipiranga. Imediatamente, eu, que tinha 22 anos, me lembrei de quando tinha 5 anos e assisti maravilhado no cinema ao filme "Independência ou Morte", com Tarcísio Meira e Glória Menezes. E pensei: então tudo isso existe, né? Tudo isso existe... e tudo isso é aqui! (ARAÚJO, 2019).

Por fim, em 2021, o falecimento do ator Tarcísio Meira fez com que o D. Pedro I da produção da Cinedistri voltasse a ser mencionado nos grandes veículos de comunicação, como um dos papéis mais marcantes da extensa lista de personagens que o galã interpretou em mais de 60 anos de carreira. E que novos sentidos *Independência ou Morte* ganhará em 2022, quando completará cinquenta anos de seu lançamento e será comemorado o Bicentenário da Independência?

¹⁰ Um deles é o Guia do Estudante, da Editora Abril. A lista pode ser consultada em GUIA DO ESTUDANTE, 2011.

REFERÊNCIAS

Artigos de jornais e revistas

AZEREDO, Ely. **O festivo filme da independência**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 set. 1972. Caderno B, p. 8.

CASTRO, Clovis de. **Projeto mais ambicioso do cinema brasileiro será filme de 1 milhão sobre D. Pedro I e a independência**. Luta Democrática, Rio de Janeiro, 19 e 20 set. 1971, p. 4.

FERREIRA, Fernando. **Independência ou morte: Brasil, de Pedro a Pedro**. O Globo, Rio de Janeiro, 6 set. 1972, p. 7.

FILME CULTURA. **A hora e a vez dos filmes históricos**. Filme Cultura, Rio de Janeiro, n. 18, seção Movimento, jan./fev. 1971, p. 1.

FILME CULTURA. **Presidente da República saúda "Independência"**. Filme Cultura, Rio de Janeiro, n. 21, seção Movimento, jul./ago. 1972, p. 61.

JORNAL DO BRASIL. **Itamarati vira estúdio de filme de Dom Pedro I**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 17, 8 abr. 1972.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, Ano LXXXII, n. 139, 7 set. 1972, Caderno B, p.2

O ESTADO DE S. PAULO. **DF vê antes o filme mais caro**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 ago. 1972a, p. 22.

O ESTADO DE S. PAULO. **Filme abre nova era, diz Médiçi**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1 set. 1972b, p. 22.

O GLOBO. **Filme sobre a Independência, com Tarcísio Meira como Pedro I, já está em fase de montagem**. O Globo, Rio de Janeiro, 27 jun. 1972, p. 7.

RAMON, Clovis. **Massaini desabafa com exclusividade: "Independência ou Morte" deu prejuízo e de nada adiantou apoio do governo**. Luta Democrática, Rio de Janeiro, 26 nov. 1972, p. 6.

SILVA, Alberto. **Independência ou Morte**. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 7 set. 1972. Anexo, p. 5.

SILVEIRA, Helena. **Video e sesquicentenário**. Helena Silveira vê TV, Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 set. 1972. Caderno de Domingo, p. 51.

VARTUCK, Pola. **Uma aula de História alegre e movimentada**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 7 set. 1972, p. 29.

Artigos de periódicos, capítulos de livro, dissertações e teses

ADAMATTI, Margarida Maria. **Crítica de cinema e política: o filme histórico nos jornais alternativos "Opinião" e "Movimento"**. Anos 90, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 173-198, dez. 2012.

ALMEIDA, AdjovanesThadeu Silva de. **O regime militar em festa: o Sesquicentenário da independência do Brasil (1972)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009, 262 p.

CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)**. Tese (doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012, 333 p.

FONSECA, Vitoria Azevedo da. **História imaginada no cinema: análise de *Carlota Joaquina, a princesa do Brasil e Independência ou Morte***. 2002. 330p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

GOMES, Regina. **Crítica de cinema: história e influência sobre o leitor**. In: *Crítica Cultural*, v. 1, n. 2, jul. 2006.

GREGOLIN, Maria. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Dossiê Comunicação, Mídia e Consumo, v. 4, p. 11–25, nov. 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18568/cmcc.v4i11.105>>. Acesso em 21 ago. 2022.

GUARNIERI, Dayane. **Os periódicos brasileiros e sua trajetória na década de 1960**. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 77357-77375, ago. 2021.

LINDEPERG, Sylvie. **Nuit et Brouillard: un film dan l'histoire**. Paris: Odile Jacob, 2007, 288 p.

LINDEPERG, Sylvie. **La mémoire pour un historien**. In: *Archimages 08*, 2008, Paris. Anais eletrônicos [...] Paris: InstitutNationalduPatrimoine, 19 nov. 2008, p. 1-6. Disponível em <http://ekladata.com/C2P63-MUO-_BGWU0i9rR_b0HF24.pdf>. Acesso em 31 ago. 2022.

MERTEN, Luiz Carlos. **Carlos Coimbra: um homem raro**. Coleção Aplauso. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, 334 p.

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos: cinema e história no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

RAMOS, Luciano V. F. **Oswaldo Massaini - um produtor na história do cinema brasileiro**. 2014. 387 p. Tese (doutorado em multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ROCHA, Luís Geraldo. **A crítica cinematográfica de Ely Azeredo e o**

cinema brasileiro na *Tribuna da Imprensa* (1956-1964) e no *Jornal do Brasil* (1965-1973). 2017. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2017.

Vídeos

MASSAINI, Oswaldo. **Memória do Cinema: entrevista com Oswaldo Massaini.** Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS), São Paulo, 15 nov. 1989. Cópia digital, vídeo online (32 min). Disponível em <<https://youtu.be/PI9QdWYAN28>>. Acesso em 31 ago. 2022.

MEIRA, Tarcísio. **Tarcísio Meira interpretou Dom Pedro no filme 'Independência ou Morte'.** Entrevista concedida a Pedro Bial. Conversa com Bial, Rede Globo, Rio de Janeiro, 5 nov. 2019. Cópia digital, vídeo online (2 min). Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/8063825/?s=0s>>. Acesso em 31 ago. 2022.

NETO, Aníbal Massaini. **Sala de Cinema: Aníbal Massaini Neto.** Entrevista concedida a Miguel de Almeida, Flávio Brito, Eder Mazini e Matheus Trunk. SescTV, São Paulo, 25 mar. 2013. Cópia digital, vídeo online (48 min). Disponível em <<https://youtu.be/Dyh1fMQ8h6Q>>. Acesso em 31 ago. 2022.

Outros

ARAÚJO, Ernesto. **Discurso de posse do ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo.** Centro de História e Documentação Diplomática da Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2 jan. 2019. Disponível em <<https://www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores?id=317>>. Acesso em 31 ago. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Listagem de Filmes Brasileiros com mais de 500.000 Espectadores 1970 a 2019.** Brasília: Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, Agência Nacional do Cinema, 2020. Disponível em <<https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2105.pdf>>. Acesso em 31 ago. 2022.

CINEMATECA BRASILEIRA. **Independência ou Morte.** In: Catálogo de filmografia brasileira da Cinemateca Brasileira. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 2016. Disponível em <<http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?!sisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=023411&format=detailed.pft>>. Acesso em 31ago. 2022.

FALCHETI, Fabrício. **SBT escala filme nacional de 1972 para comemorar o Dia da Independência.** Na Telinha, São Paulo, 3 set. 2019. Disponível

em <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/09/03/sbt-escala-filme-nacional-de-1972-para-comemorar-o-dia-da-independencia-133386.php>>. Acesso em 31 ago. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. **Canal Brasil só apresenta as produções brasileiras.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 set. 1998. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv13099817.htm>>. Acesso em 31 ago. 2022.

FONSECA, Alyson. **Canal Brasil homenageia centenário do cineasta Oswaldo Massaini.** Sopa Cultural, Rio de Janeiro, 30 mar. 2020. Disponível em <https://www.sopacultural.com/noticias/canal-brasil-homenageia-centenario-do-cineasta-oswaldo-massaini/>>. Acesso em 31 ago. 2022.

FERREIRA, Ricardo. **3ª Bienal de Caricatura conta história do Bonequinho, que completa 80 anos.** O Globo, Rio de Janeiro, 13 dez. 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rioshow/3-bienal-de-caricatura-conta-historia-do-bonequinho-que-completa-80-anos-23300452>>. Acesso em 31 ago. 2022.

GUIA DO ESTUDANTE. **30 filmes para você estudar história do Brasil.** Guia do Estudante, São Paulo, 3 nov. 2011. Disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/30-filmes-para-voce-estudar-historia-do-brasil>>. Acesso em 31 ago. 2022.

MATTOS, Laura. **Helena Silveira se destacou na crítica de TV nos anos 1970.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 ago. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/08/helena-silveira-se-destacou-na-critica-de-tv-nos-anos-1970.shtml>>. Acesso em 31 ago. 2022.

SETARO, André. **Fernando Ferreira, crítico de cinema.** Setaro's Blog, 14 dez. 2008. Disponível em: <http://setaroblog.blogspot.com/2008/12/fernando-ferreira-critico-de-cinema.html>>. Acesso em 31 ago. 2022.

SETARO, André. **Panorama do cinema baiano.** Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2012. Disponível em http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/arquivos/File/imagenswordpress/2012/11/panorama-do-cinema-baiano_web_setembro2014.pdf>. Acesso em 31 ago. 2022.

ZANIN, Luiz. **Independência ou Morte: filme patriótico?** Blog Luiz Zanin, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 fev. 2007. Disponível em <https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/independencia-ou-morte-filme-patriotico>>. Acesso em 31 ago. 2022.